

Doi: 10.17058/rzm.v13i2.19486

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS: O 8 DE JANEIRO NAS CAPAS DE REVISTAS SEMANAIS DE INFORMAÇÃO – 2023 E 2024

ACTOS ANTIDEMOCRÁTICOS:
EL 8 DE ENERO EN LAS PORTADAS DE LAS REVISTAS
INFORMATIVAS SEMANALES – 2023 E 2024
UNDEMOCRATIC ACTS:

JANUARY 8TH ON THE COVERS OF WEEKLY INFORMATION
MAGAZINES – 2023 E 2024



Janaina Dias Barcelos¹

Resumo: A partir de uma perspectiva discursiva da mídia, este trabalho apresenta o estudo das capas das revistas brasileiras semanais de informação Carta Capital, Istoé e Veja, sobre os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. O *corpus* é composto de três capas de 2023, publicadas logo após os atos, e três um ano após o acontecimento. Buscou-se a abordagem metodológica de Gervereau (2004) baseada em três etapas: descrição, contexto e interpretação. O objetivo é analisar o discurso verbo-visual das capas sobre o 8 de janeiro no Brasil. O trabalho permite refletir sobre os processos de formulação e circulação de discursos jornalísticos sobre um relevante acontecimento político, conduzindo à produção de sentidos em nossa sociedade. Percebe-se que, apesar de serem revistas informativas, há um teor argumentativo nas capas, direcionando a percepção de seus leitores para o posicionamento desejado, seja de modo mais ou menos contundente.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal - Rio Grande do Norte - Brasil.

Palavras-chave: Atos antidemocráticos. Revistas de informação. Discurso. Capas de revista.

Resumen: Desde una perspectiva discursiva de los medios de comunicación, este trabajo presenta el estudio de las portadas de las revistas informativas semanales brasileñas Carta Capital, Istoé y Veja, sobre los actos antidemocráticos del 8 de enero de 2023. El corpus está compuesto por tres portadas de 2023, publicadas poco después de los hechos, y tres un año después del evento. Se buscó el enfoque metodológico de Gervereau (2004) basado en tres etapas: descripción, contexto e interpretación. El objetivo es analizar el discurso verbo-visual de las portadas sobre el 8 de enero en Brasil. El trabajo permite reflexionar sobre los procesos de formulación y circulación de discursos periodísticos sobre un hecho político relevante, conducentes a la producción de significado en nuestra sociedad. Se percibe que, a pesar de ser revistas informativas, hay un contenido argumentativo en las portadas, dirigiendo la percepción de sus lectores hacia la postura deseada, ya sea de manera más o menos contundente.

Palabras clave: Actos antidemocráticos. Revistas de información. Discurso. Portadas de revistas.

Abstract: From a discursive perspective of the media, this work presents the study of the covers of the Brazilian weekly information magazines Carta Capital, Istoé and Veja, about the undemocratic acts of January 8, 2023. Our *corpus* are three covers from 2023, published shortly after the events, and three covers a year after the event. We adopt Gervereau's methodological approach (2004) based on three stages: description, context and interpretation. The objective is to analyze the verbo-visual discourse of these covers about January 8th in Brazil. The work allows us to reflect on the processes of formulation and circulation of journalistic discourses about a relevant political event, leading to the production of meaning in our society. It is evident that, despite being informative magazines, there is an argumentative tone in the covers, guiding the readers' perception towards the desired stance, whether in a more or less forceful manner.

Key-words: Undemocratic acts. Information magazines. Speech. Magazine covers.

Introdução

Este trabalho apresenta a análise das capas de três revistas brasileiras semanais de informação, referentes aos acontecimentos de 8 de janeiro de 2023, em Brasília. O estudo contempla as edições das revistas Carta Capital, Istoé e Veja, seguintes ao ataque aos prédios das instituições públicas na capital federal, bem como os números editados um ano após o fato, em janeiro de 2024. Ao todo, a observação contempla seis capas, sendo duas de cada publicação. Este gênero – capa de revista informativa – caracteriza-se por apresentar um conteúdo temático a partir da pauta da edição, bem como uma forma de composição, que envolve o discurso verbo-visual, com determinado tratamento estético.

No dia 8 de janeiro de 2023, apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, “automeados patriotas” (Ricupero, 2024), invadiu e vandalizou as sedes dos três Poderes em Brasília, a saber: o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF). O ataque à democracia foi o ápice do acirramento político que se intensificou com o inconformismo dos invasores com o resultado do processo eleitoral de 2022, que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência do Brasil.

Em estudo sobre tais atos numa perspectiva do patriotismo constitucional, em que apresenta várias crises democráticas brasileiras, Cabral e Coser (2023, p. 381) classificam-nos como “uma das manifestações que posteriormente se transformou em um dos atos antidemocráticos de maior violação ao Estado democrático de direito e suas instituições, por parte apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro”.

Dezenas de caravanas chegaram à capital federal e se uniram a pessoas acampadas, há meses, em frente ao quartel general do Exército. O grupo seguiu até a Esplanada dos Ministérios, invadiu prédios públicos, depredou o patrimônio e deixou um rastro de destruição.

Os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário buscaram coordenar ações para preservar as instituições e a democracia. O presidente da república decretou intervenção federal de segurança pública no Distrito Federal. No dia seguinte, a partir de ordem do ministro do STF, Alexandre de Moraes, mais de mil pessoas foram presas, somando-se às cerca de 250 detidas em flagrante na véspera dentro dos prédios públicos.

Um ano depois, em 8 de janeiro de 2024, os três Poderes da República promoveram um ato intitulado Democracia Inabalada, para marcar o acontecimento, a fim de celebrar a

democracia e relembrar as reações das instituições às invasões. Segundo levantamento apresentado pelo G1 (Lima *et al.*, 2024), ao todo, 1354 ações foram abertas no STF contra acusados de envolvimento com o ataque. Um ano após, 30 pessoas haviam sido condenadas.

Sobre as revistas analisadas, a Carta Capital, fundada em 1994, define sua linha como progressista e se posiciona contra o autoritarismo e em defesa da igualdade, do Estado Democrático de Direito, da inclusão social e do desenvolvimento econômico sustentável (Carta Capital, c2024). A publicação atua nos formatos impresso e digital. Segundo seu Mídia Kit, são 66 mil exemplares mensais, considerando ambos os formatos. A maioria do público é masculino (65,24%), na faixa etária entre 40 e 70 anos principalmente.

A Istoé, criada em 1976, define-se como uma revista combativa e atuante na consolidação da democracia brasileira e se posiciona como “independente”, principalmente de grupos políticos, o que não significa, segundo ela, isentar-se (Segalla, 2016). Em posicionamento publicado em 2022, a direção da Istoé afirma explicitamente não ser de centro, esquerda ou direita (afirmação também presente em seu Mídia Kit); e aponta ser contra a política governamental de Bolsonaro, principalmente contra sua pauta de costumes, bem como foi contra a corrupção nos governos do PT (Lula e Dilma Rousseff). Nos formatos impresso e digital, a revista tem público dividido entre mulheres (53%) e homens (47%), sendo 74% das classes AB, distribuídos em diferentes faixas etárias, com 145 mil exemplares semanais de circulação, de acordo com seu Mídia Kit.

A revista Veja explicita seu posicionamento em uma Carta ao Leitor em 2019, afirmando que seu compromisso não é com partidos, nem com pessoas. Na ocasião, diz ser contra a corrupção e os exageros do Estado, a favor da Operação Lava-Jato e que não entra em polarizações políticas. Afirma, ainda, ter sido “implacável” contra crimes cometidos por Lula e pelo PT. A revista responde aos princípios editoriais da Editora Abril, que prega a independência “como o maior valor de um jornalista da revista”, segundo afirmação, em texto de 2012, do diretor de redação Eurípedes Alcântara.

As revistas semanais de informação no Brasil são um meio de comunicação relevante, que agrega uma capacidade de produzir sentidos na sociedade, ao apresentar seu discurso a um grande número de leitores. Numa democracia, tais veículos podem ser canais para a formação da opinião pública, para colocar questões em pauta, para promover debates, mas também para canalizar pontos de vista conforme seus interesses enquanto empresa jornalística e suas conexões com diversos atores sociais.

Fundamentação teórico-metodológica

As capas de revista consistem num discurso verbo-visual persuasivo, que busca atrair o leitor, convencê-lo a acessar o conteúdo, uma vez que funcionam como vitrine, trazendo o assunto de destaque daquela edição. Dessa forma, irão buscar recursos de texto e imagem que possam construir o sentido que pretendem partilhar com seu interlocutor, a partir de estratégias que colaborem para o sucesso de seu projeto de fala, de sua intencionalidade discursiva.

Nesse sentido, entendemos que as capas se constituem em enquadramentos “frutos das estratégias de construção e processamento do discurso informativo” (Melo; Barcelos, 2020, p. 111). Dessa forma, por meio de processos que passam por seleção, ênfase, interpretação e exclusão, organiza-se a capa em um sistema de signos, e essas escolhas vão impactar o modo como o assunto será apresentado, direcionando a interpretação. As capas, portanto, seriam uma espécie de síntese desse enquadramento feito pela imprensa. Além disso,

As capas precisam estabelecer uma conexão com seu público-alvo, colocando na mesa um discurso que o leitor reconheça e com o qual se identifique. A revista também tem em vista aquele que ainda não é seu leitor, mas pode ser fisgado pela capa - além de sintetizar aquilo que será apresentado naquela edição, a capa precisa atrair o leitor (Mendes; Barcelos, 2020, p. 111)

Cardoso (2009) destaca a importância de estudos dessa natureza, que conjugam a análise de conteúdo com a semiológica, ao decompor tanto os elementos formais da capa, em busca de padrões, quanto o desvelamento de sentidos. Para a autora, trata-se de um objeto complexo, com múltiplas possibilidades:

Sobre a capa de revista é possível dizer que possui linhas de visibilidade (as imagens, por exemplo); de enunciação (os títulos); de força (o título e a imagem principais); de fractura (mecanismos de separação dos temas, quando são múltiplos). Para além disso, a capa de revista é também uma figura intermediária, que faz parte da publicação, mas ao mesmo tempo se demarca dela, vale por si, construindo-se como uma janela de contacto com o exterior. A capa não se reduz a informação, mesmo que este seja o teor do interior da revista; a capa anuncia o conteúdo da revista e reforça a notoriedade e a identidade da publicação, sem se perder no universo da publicidade (Cardoso, 2009, p. 165).

Em relação a seus posicionamentos, embora todas as publicações analisadas neste artigo se definam como independentes e em busca do equilíbrio editorial, entendemos que a linguagem não é imparcial, visto que é sempre intencional, por querer propor uma visão de mundo ao ser matéria-prima para a elaboração de discursos por meio de diversos signos. Portanto, o discurso verbo-visual presente na capa é dotado de uma intenção.

Vilches (1993) destaca que a relação entre texto e imagem vai muito além de sua funcionalidade comunicativa, que não há um mais ou menos simples que o outro; os dois apresentam estruturas complexas, sendo produtos de diversas transformações discursivas, e ambos são eficazes em processos de reconhecimento e identificação.

O tipo de processo discursivo que o estímulo da foto de imprensa pode desenvolver pode ser tão abstrato como o desenvolvido pela linguagem escrita. E isso porque, tanto quanto o texto escrito, ela se baseia em convenções sociais e textuais assumidas pelo leitor, além de complexas elaborações simbólicas² (Vilches, 1993, p. 77).

No caso do tema das capas analisadas neste trabalho, o posicionamento discursivo, logo político-editorial, poderá ser desvelado a partir do estudo dos recursos verbais e visuais presentes nas capas. Esse trabalho será feito a partir de uma abordagem proposta por Gervereau (2004), que passa por três etapas, descrição, contexto e interpretação, as quais se configuram como um roteiro para auxiliar o analista, o qual deve ser adaptado ao objeto de estudo e ao *corpus*.

Dessa forma, inicialmente, é preciso observar as características da imagem, seus elementos tangíveis (técnicos, plásticos, temáticos), e levantar o contexto de sua criação naquele dado momento da sociedade. No caso deste trabalho, como a capa é multimodal, serão observados imagem e texto e suas conexões. Em seguida, é feita a análise, a partir do levantamento inicial, cujos resultados orientarão a interpretação. Na observação do tema, é importante incluir um inventário dos elementos representados e verificar se algum deles é emblemático, se remete a símbolos partilhados socioculturalmente, pois eles nos oferecem pistas sobre a construção de sentidos possíveis.

Discurso verbo-visual: capas que falam

² Tradução livre da autora para: “El tipo de proceso discursivo que puede desarrollar el estímulo de la foto de prensa puede ser tan abstracto como el desarrollado por el lenguaje escrito. Y esto se debe a que tanto como el texto escrito se basan en convenciones sociales y textuales asumidas por el lector, además de complejas elaboraciones simbólicas”.

Três das principais revistas brasileiras semanais de informação³ trouxeram capas sobre os ataques aos três Poderes da República em 8 de janeiro de 2023, nas edições subsequentes ao acontecimento. Um ano após, elas produziram capas sobre o mesmo tema, lembrando o aniversário da tentativa de golpe contra a democracia. Iremos analisar, primeiramente, as capas de 2023 (Figura 1), seguidas das de 2024 (Figura 2) e estabeleceremos as possíveis conexões entre elas. Os dados sobre todas as capas estão organizados no Quadro 1.

Figura 1 – Capas de 2023 analisadas



Fonte: sites das respectivas revistas

A capa de Carta Capital da edição de 12 de janeiro de 2023 não é explícita, é a única que não apresentou fotos jornalísticas, optando por uma ilustração simbólica, do mapa do Brasil em preto, acorrentado por um peso que o puxa para baixo, seguida de uma manchete aberta de sentidos: “Vítima de si mesmo”. Sem qualquer referência ao contexto, sem um texto de ancoragem, o qual ajudaria a direcionar sentidos, pode ser uma capa sobre qualquer coisa relacionada ao país, já que o mapa é o único ícone que induz a entender que seja algo sobre o Brasil, e que, a partir do que aponta o texto, ele tenha causado algum dano a si mesmo.

Essa ancoragem é o que Barthes (1990) denomina como técnica de fixação, que conduz o sentido da imagem, orientando para sobre o que ela diz. No caso de capas de revistas de informação, além da manchete, há a possibilidade de apresentar legendas e textos-legenda⁴, sendo que a chamada de capa pode ser mais aberta, direcionada pelos outros textos, todos em conexão com a imagem, para elaboração de sentidos. Assim, os textos podem endossar a imagem, modificar seu sentido, fixar significados, realçar pontos de vista, ativar emoções, escolhas que dependerão da intenção do discurso da capa.

³ A revista Época não foi contemplada por não disponibilizar livre acesso às capas de edições anteriores a não assinantes e por tal material não ter sido encontrado, também, em outros locais.

⁴ O texto-legenda apresenta desenvolvimento maior que o da legenda comum. Ambos descrevem, explicam e/ou comentam a imagem que acompanham.

Nesse número de Carta Capital, os textos das chamadas secundárias não mantêm relação com a imagem de capa e a manchete, pois se referem à política externa envolvendo parcerias Brasil, China e Estados Unidos, e ao humorista Marcelo Adnet. Dessa forma, não há elementos suficientes para abordar o 8 de janeiro, embora, ao acessar a reportagem interna referente à capa, é possível constatar que seja sobre tal acontecimento⁵. Como nosso *corpus* são as capas, iremos nos ater ao discurso delas somente.

As outras revistas optaram por estampar as capas com fotos jornalísticas dos ataques. Istoé selecionou uma foto com enquadramento mais fechado, focando em duas pessoas quebrando uma vidraça, enquanto Veja escolheu uma imagem mais aberta, de cenas de ação, com várias pessoas em posições de ataque, indivíduos qualificados pela revista na manchete: “Vândalos. Criminosos. Terroristas. Golpistas”. A tipificação de terrorista também está clara na chamada da Istoé: “Terrorismo. É hora de punir”, deixando claro que a publicação se posiciona como um veículo que entende os atos de 8 de janeiro como terroristas e de que precisam ser punidos. Dessa forma, percebe-se um alinhamento no posicionamento político-editorial das duas revistas. Ambas as fotos remetem à violência.

Os textos-legenda apoiam as manchetes na orientação da interpretação. Istoé aponta que o acontecimento “assusta o mundo”, destaca que faz parte da “escalada bolsonarista”, aponta outros atos que fazem parte desse movimento antidemocrático, como “bloqueio de rodovias, fechamento de aeroportos e ataques a torres de transmissão de energia”, sinalizando, com essas palavras, que não foi uma ocorrência isolada, portanto. O texto aponta que “as ameaças persistem”, direcionando para um tom de alarme, de risco, e nomeia os participantes de criminosos – palavra usada também por Veja em sua manchete –, enfatizando a necessidade de tirá-los de circulação e ressaltando que “a democracia precisa usar todos os seus instrumentos” para isso. A legenda da foto da capa da Veja é curta e reforça a nomeação dos participantes dos atos de 8 de janeiro: “Extremistas invadem e depredam o Palácio do Planalto”, somando mais uma qualificação à lista descrita na manchete.

Um detalhe a ser comentado é a cor amarela presente em ambas as capas. Em Istoé, nas fontes da logo da revista e da manchete, acentuada pelo fundo preto. Na Veja, pelas roupas dos participantes dos atos, já que os seguidores de Jair Bolsonaro se tornaram conhecidos por usarem camisas verde-amarelas da Seleção Brasileira de Futebol e por

⁵ A reportagem “O dia seguinte. O fracassado golpe bolsonarista resulta de um complô entre fanáticos, endinheirados, militares e policiais. E fortalece momentaneamente Lula”, de autoria de André Barrocal, pode ser lida por assinantes em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-dia-seguinte-2/>.

portarem a bandeira do país ao realizarem manifestações. A foto de capa de Veja também mostra bandeiras do Brasil.

Freitas e Boaventura (2022) analisam o uso da bandeira nacional como vetor de um enunciado aderente de apoio a Bolsonaro para a mobilização de um *ethos* efetivo político nas eleições de 2022. Eles identificaram que

a bandeira nacional se infunde de um enunciado aderente implícito de apoio a Jair Bolsonaro, relação que emana do *ethos* prévio associado ao estereótipo do bolsonarista como cena validada em um mundo ético que autoriza essa cenografia como pertinente; o *ethos* efetivo de apoio ao bolsonarismo é resultado da incorporação desse estereótipo para adesão a um corpo público que enuncia, coletivamente, o EA [Enunciado Aderente] “eu apoio Bolsonaro” (Freitas; Boaventura, 2022, p. 633)

Os autores pontuam como esse fenômeno de apropriação da bandeira e das cores verde e amarela pelo bolsonarismo se acentuou desde 2018, “validada gradativamente pela retórica nacionalista de Jair Bolsonaro e encenada por seus eleitores para sinalizar apoio ao presidente-candidato e fidelidade ao grupo” (Freitas; Boaventura, 2022, p. 612).

Figura 2 – Capas de 2024 analisadas



Fonte: sites das respectivas revistas

As três revistas semanais de informação retomaram o tema nas edições de janeiro de 2024, lembrando o acontecimento de 8 de janeiro de 2023, com diferentes abordagens. Carta Capital focou na falta de ações para apontar os mentores dos crimes; Istoé listou lições que o evento tenha dado; Veja direcionou a atenção para o ministro de STF, Alexandre de Moraes.

Interessante notar que Carta Capital usou a mesma foto adotada por Veja em 2023. Na época, a revista havia produzido uma capa com múltiplas possibilidades de sentidos,

sem ancoragem textual que direcionasse seu entendimento e sua interpretação. Desta vez, diante de tantas imagens do acontecimento, escolheu uma foto jornalística já usada anteriormente. A manchete “Justiça incompleta” orienta para o sentido de que houve, em um ano, alguma justiça, porém ainda falta algo, que aparece explicitado no subtítulo: “falta apontar os mentores”.

Istoé investe mais em texto do que em imagem na capa de 2024, chamando atenção visualmente apenas para o número 8, data do acontecimento, num grafismo em verde e amarelo e em um corpo bem grande, dentro do qual aparece o texto. A publicação retoma a questão da ameaça contra a democracia, apontada na capa de 2023, dizendo que ela diminuiu, porém alerta que “faltam ações para eliminar novos riscos”. Elogia a agilidade do STF, mas critica o fato de os militares terem sido poupados. Destaca que esse movimento teve apoio do presidente Lula, trazendo a responsabilidade para ele. Continua a qualificar os participantes dos atos de 8 de janeiro, desta vez como vândalos. Chama diretamente o leitor, com o verbo “confira”, para acompanhar os próximos passos, no caso, “o indiciamento e a possível prisão de Jair Bolsonaro”, criando uma expectativa no interlocutor de que isso possa vir a ocorrer, ou seja, Veja espera que sim, uma vez que essa ação está como uma das que configuraria a lista do que ela considera que ainda falta, conforme o enunciado do texto-legenda. Tais aspectos são destacados em negrito no texto da capa, o que significa que mereceram ênfase por parte da revista.

Embora de posicionamentos editoriais diferentes, Carta Capital e Istoé se alinham quando constatam que houve ações, porém estas ainda não são suficientes. A primeira, de modo mais contido, em um texto curto, aponta apenas um aspecto. Já Istoé apresenta várias questões, posicionando-se de forma mais incisiva.

Diferentemente das revistas anteriores, Veja optou por dar protagonismo ao ministro do STF, Alexandre de Moraes, cujo retrato ocupa a capa inteira. A manchete consiste num trecho de sua fala, destacada da entrevista que concedeu à revista e à qual a capa se refere: “Não foi baderna. Foi golpe”. Com esse destaque, a revista se posiciona, aparentando concordar que tenha sido golpe, nomeando a ação, pois, num processo de seleção dos elementos da capa, há inúmeras possibilidades, e a publicação, ao enfatizar determinado aspecto, orienta o leitor a também dar relevância a esse mesmo fator.

Se considerarmos que o público leitor de um veículo se identifica com ele, com seus pontos de vista, as escolhas editoriais podem impactar a percepção que o interlocutor terá daquele tema, a partir da abordagem da publicação, o que colabora para a visão que ele tem do mundo, dos fatos, das pessoas, enfim, da sociedade.

Para compreender esse aspecto, podemos recorrer à perspectiva semiolinguística de Charaudeau (2013) sobre o processo de produção de sentidos nos e pelos discursos, o qual envolve três tipos de efeitos: os visados são aqueles intencionados pelo sujeito que produz o discurso, o que ele quer que seu interlocutor perceba; os efeitos produzidos dependem do sujeito que recebe o discurso, ele irá acessar o sentido a partir de sua própria autonomia interpretativa, de seus saberes, de seu contexto; já os efeitos possíveis é o resultado do encontro dos dois efeitos citados, o visado e o produzido. Assim, os efeitos produzidos podem ou não coincidir com os visados. Para que o locutor tenha mais chances de que isso ocorra, buscará empregar estratégias discursivas, a partir de universos partilhados com seus receptores, que ampliem essa possibilidade de concretizar sua intenção de construção de determinado sentido. Ou seja, a capa será construída buscando recursos verbo-visuais que passem a mensagem desejada pelo veículo.

O foco da capa de Veja de 2024 é personalizado na figura do magistrado, nas ameaças que enfrentou e em sua opinião sobre os momentos mais difíceis do acontecimento e sobre o papel de líderes políticos na incitação dos participantes dos atos, incluindo Jair Bolsonaro. Interessante destacar que a revista separa líderes extremistas de outros líderes, direcionando os sentidos possíveis para o fato de apenas aqueles que são radicais terem participado da tentativa de golpe. Quando se classifica um grupo, isso significa incluir e excluir pessoas dele. No caso, Bolsonaro está incluído como explicita o texto.

Veja, ao abordar a questão dos líderes que incitaram o golpe, acaba por se alinhar em certa medida com Carta Capital, que cobra a identificação dos mentores dos ataques, o que é bastante interessante, considerando a distância entre os posicionamentos editoriais e ideológicos de ambas as revistas. Carta Capital sempre assumiu posicionamento político alinhado à esquerda, tendo declarado abertamente apoio a Lula em 2006. Por outro lado, Veja alinha-se a ideias tradicionalmente associadas ao liberalismo econômico e às políticas de direita.

Outro alinhamento identificado é entre Veja e Istoé, quando a segunda também recorre a uma chamada, embora secundária, para uma entrevista com Alexandre de Moraes, incluindo uma pequena foto do ministro na capa, porém de forma menos personalizada que Veja, pois opta por situá-lo como representante do STF, enquanto Veja aponta aspectos pessoais, como ameaças específicas ao magistrado e a sua opinião sobre o evento.

Quadro 1 – Organização dos conteúdos das capas analisadas

Publicação	Manchete	Texto-legenda da capa	Imagem
-------------------	-----------------	------------------------------	---------------

Carta Capital 12 jan. 2023	Vítima de si mesmo	Não tem	Mapa do Brasil preto com peso preso aos “pés” <i>Cores predominantes:</i> cinza e preto. Chamada em azul.
Istoé 13 jan. 2023	Terrorismo É hora de punir	O ataque à sede dos Três Poderes em Brasília assusta o mundo e é o ponto mais grave da escalada bolsonarista. As ações golpistas incluem também bloqueio de rodovias, fechamento de aeroportos e ataques a torres de transmissão de energia. As ameaças persistem, e a democracia precisa usar todos os seus instrumentos para tirar os criminosos de circulação.	Cena de ataque em Brasília: homem quebra vidraça <i>Cores predominantes:</i> amarelo e preto <i>Legenda:</i> Brasília, 8 de janeiro de 2023. Extremistas invadem e depredam o Palácio do Planalto
Veja 13 jan. 2023	Vândalos. Criminosos. Terroristas. Golpistas.	Numa das páginas mais vergonhosas da história recente do país, radicais bolsonaristas invadem e depredam o Palácio do Planalto, o Congresso e o STF. Diante de uma situação tão grave, as instituições precisam dar uma resposta vigorosa para punir os responsáveis – em todas as esferas – e proteger a democracia brasileira.	Cenas de ação, com movimento, de pessoas atacando as instituições em Brasília em 8 de janeiro, muitas com vestimentas com as cores da bandeira e a própria bandeira, tendo ao fundo vidros pichados. <i>Cores predominantes:</i> branco e preto para chamadas e destaque para verde e amarelo na foto.
Carta Capital 11 jan. 2024	Justiça incompleta	Um ano depois, falta apontar os mentores do 8 de janeiro	Mesma foto usada por Veja em 2023, quase o mesmo enquadramento, com mínimas diferenças no recorte à direita Mesma cor da chamada da edição de 2023, azul, porém mais claro

Istoé 4 jan. 20	As lições do 8 de janeiro	Um ano depois da tentativa de golpe, a ameaça antidemocrática diminuiu, mas ainda faltam ações para eliminar novos riscos. Mesmo que o STF tenha sido ágil na punição aos vândalos, os militares foram poupados em um movimento apoiado pelo presidente Lula. Confira os próximos passos da Justiça: o indiciamento e a possível prisão de Jair Bolsonaro. Segunda chamada: Entrevista exclusiva: “A democracia é intocável, e o STF não permitirá qualquer tipo de impunidade”	Imagem gráfica do número 8 em verde e amarelo. Destaque: foto do ministro do STF, Alexandre de Moraes, em uma segunda chamada, conectada à principal, alusiva a uma entrevista exclusiva.
Veja 5 jan. 2024	“Não foi baderna. Foi golpe.”	Em entrevista à Veja, o ministro Alexandre de Moraes fala sobre os momentos mais difíceis dos atos de 8 de janeiro, os planos que os extremistas tinham de prendê-lo e matá-lo, e o papel de líderes radicais (Jair Bolsonaro incluído) na incitação de manifestantes.	Retrato em plano médio do ministro do STF Alexandre de Moraes, entrevistado da edição, com olhar direcionado à câmera, vestido em terno marinho, gravata magenta, sentado em cadeira em fundo, ambos também magenta. <i>Cores predominantes:</i> banco, marinho e magenta.

Fonte: elaborado pela autora

O posicionamento das três revistas logo após os atos antidemocráticos, assim como um ano após o ocorrido, é claro na defesa da democracia, o que não surpreende, apesar de cada uma ter sua própria linha editorial, bastante diferentes entre si ao longo de suas trajetórias. O ambiente político do país já sinalizava, antes da finalização das eleições de 2022, que diversos atores políticos e institucionais não apoiavam os extremismos bolsonaristas.

Ao analisar o 8 de janeiro, o professor Bernardo Ricupero (2024), do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, lembra que Jair Bolsonaro, quando foi eleito em 2018, já colocava em dúvida os resultados eleitorais,

além de ter convertido comemorações de 7 de setembro de 2021 e 2022 em “celebrações golpistas”, em que participantes clamavam por intervenção militar.

Segundo Ricupero (2024), o lançamento da “Carta aos brasileiros”, em defesa da democracia, em 11 de agosto de 2022, deixava claro que o *establishment* econômico e social “não embarcaria na aventura golpista”. Além disso, os Estados Unidos sinalizaram que não aceitariam uma ruptura democrática e manifestaram apoio às urnas eletrônicas, enquanto a cúpula militar optou por não aderir a um movimento golpista.

O autor também destaca o protagonismo do ministro Alexandre de Moraes, presente na chamada secundária da capa de Istoé e protagonista na capa de Veja, um ano depois do evento.

Não é difícil, porém, perceber que não foi a “resiliência das instituições” que salvou a democracia no 8 de janeiro ou antes da tentativa do golpe frustrado. Até porque, paradoxalmente, foi crucial para o desfecho, até agora feliz, uma “anomalia institucional”: o protagonismo do Judiciário. Mais especificamente, tiveram particular peso certas ações tomadas pelo ministro do STF, Alexandre de Moraes, algumas delas, como a abertura do inquérito das fake news, tomadas no “arrepio da lei”. Isto é, mecanismos semelhantes aos que contribuíram para desestabilizar a democracia com a Operação Lava Jato ajudaram, pouco depois, a salvá-la (Ricupero, 2024, online).

Diante dos aspectos observados em nossa análise, percebemos, portanto, que há muitos pontos em comum entre as abordagens escolhidas pelas três publicações, que podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Resultado das análises.

Carta Capital 2023	Istoé 2023	Veja 2023
Inconclusiva	<i>Foto</i> : violência dos atos	<i>Foto</i> : violência dos atos
	<i>Nomeia</i> : terrorismo, golpistas, criminosos	<i>Nomeia</i> : vândalos, criminosos, terroristas, golpistas, radicais
	<i>Posição</i> : pela punição	<i>Posição</i> : pela punição
	Explícita conexão com bolsonarismo	Explícita conexão com bolsonarismo
Carta Capital 2024	Istoé 2024	Veja 2024
<i>Foto</i> : violência dos atos	<i>Foto</i> : grafismo número 8	<i>Foto</i> : Alexandre de Moraes
-	<i>Nomeia</i> : vândalos	<i>Nomeia</i> : extremistas, líderes radicais
<i>Posição</i> : pela justiça (ainda	<i>Posição</i> : pela eliminação de	<i>Posição</i> : protagonismo de

incompleta)	novos riscos	Alexandre de Moraes
<i>Foco</i> : apontar os mentores	<i>Foco</i> : lições (STF ágil, militares poupados, crítica a Lula)	<i>Foco</i> : nomear como golpe
-	Explicita necessidade de punir Jair Bolsonaro	Explicita necessidade de punir Jair Bolsonaro

Fonte: elaborado pela autora

CONCLUSÃO

A partir da observação dos elementos verbo-visuais das capas das revistas Carta Capital, Istoé e Veja, passando pelas etapas sugeridas por Gervereau (2004), pudemos identificar um alinhamento em defesa da democracia nas três publicações, embora elas tenham linhas editoriais e públicos-alvo diferentes. Considerando a gravidade e repercussão do acontecimento analisado, tal constatação pode não surpreender, mas é muito relevante para compreendermos os processos de produção de sentido desses discursos e seu papel social.

Em 2023, logo após os atos antidemocráticos que destruíram o patrimônio dos três poderes em Brasília, as capas de Istoé e Veja apresentaram a mesma abordagem: focaram na imagem da violência dos atos, tipificaram os participantes pejorativamente e se posicionaram pela punição. Um ano depois, as três semanais de informação analisadas optaram por abordagens diferentes, principalmente visuais, tendo, porém, em comum, o posicionamento de que houve ações de punição, mas ainda faltam medidas para que a justiça seja feita e a democracia não seja ameaçada.

Tanto em 2023 quanto em 2024, apenas Istoé e Veja explicitam verbalmente a conexão do acontecimento com o bolsonarismo e apontaram a necessidade de incluir Jair Bolsonaro nas investigações e punições. Carta Capital, a nosso ver, considerando capas anteriores de cobertura política⁶, foi sutil, até mesmo tímida, na apresentação de suas capas.

Apesar de serem revistas informativas, percebe-se um teor argumentativo nas capas, direcionando a percepção de seus leitores para o posicionamento desejado. Ou seja, nota-se uma intenção de conduzir a interpretação para a condenação dos ataques às instituições democráticas e à necessidade de punições. Amossy (2009) entende que a argumentação é integrante do discurso, seja com uma orientação ou uma dimensão argumentativa. Para a autora, a argumentação se situa na perspectiva da troca, que ocorre em dada situação de

⁶ Ver posicionamento da revista em coberturas envolvendo presidentes do Brasil em: MENDES, André Melo... [et al.]. **Imagens do poder**: como os presidentes do Brasil foram retratados pelos meios de comunicação nos últimos 10 anos. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020.

comunicação, em um espaço sociocultural e institucional. Assim, haveria graus de argumentatividade, ou seja, o discurso pode conter uma dimensão argumentativa mesmo quando não tem um projeto persuasivo explícito ou quando as estratégias de argumentação não são imediatamente perceptíveis.

Veja, por exemplo, em 2023, ao unir uma foto de vandalismo com as palavras “terrorismo” e “punir”, destacadas em letras brancas e amarelas grandes sob um fundo preto, de modo a chamar a atenção, direciona a essa associação negativa, que pode conduzir o leitor a se posicionar, também, contra os atos.

Carta Capital, em 2024, afirma que “falta apontar os mentores”, incitando a tal demanda, e, ao retomar a capa apresentada por Veja em 2023, com cenas de ação de ataques em Brasília, com pessoas agressivas e vestindo verde e amarelo, embora não cite o bolsonarismo, remete a ele, associação verificada nos estudos de Freitas e Boaventura (2022). Ao se situar como progressista, tendo leitores à esquerda do espectro político, pode obter esse efeito de sentido possível.

Estes são alguns exemplos de como as estratégias discursivas são empregadas, a fim de que se concretize um projeto de fala, isto é, uma intenção da instância produtora do discurso. No caso da dimensão argumentativa abordada por Amossy (2009), o foco estaria em transmitir um ponto de vista, que não buscaria necessariamente modificar a posição do interlocutor ou persuadi-lo, mas que poderia, sim, orientar o olhar e destacar determinado aspecto da questão apresentada, colaborando para conduzir a interpretação.

Ao produzir discursos que circulam em massa, veículos jornalísticos carregam responsabilidades em relação ao que apresentam à sociedade, afinal, informação é pura enunciação, constrói saberes, como destaca Charaudeau (2010) ao refletir sobre o discurso das mídias. A seleção das informações é um campo de significação social, e os meios de comunicação jornalísticos trabalham tendo a veracidade e a credibilidade como pilares, como contrato com seus leitores. Isso significa que seu público tende a acompanhar as tendências que apresentam, o que acentua mais a necessidade de refletir sobre tais responsabilidades.

Compreender o mecanismo da produção de sentidos discursivos é uma forma de acompanhar esse contexto. Afinal, a construção da notícia, como bem destaca o pesquisador francês, é um “mundo filtrado” (Charaudeau, 2010, p. 131), em que o acontecimento não significa em si, por isso há necessidade de nomeá-lo pela via de “discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para valores que caracterizam os grupos sociais”. São tais discursos que analisamos, neste trabalho, no estudo das capas de revistas semanais de informação. A partir dessa análise, outras podem se seguir, abordando outros aspectos, como, por exemplo, a

verificação do discurso das reportagens referentes às capas e o aprofundamento da verificação das próprias capas, a partir de diferentes perspectivas semióticas.

Referências

- ALCÂNTARA, Eurípedes. Ética jornalística: uma reflexão permanente. *Veja*. Brasil. 21 abr. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/etica-jornalistica-uma-reflexao-permanente>. Acesso em: 23 mai. 2024.
- AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2009.
- CABRAL, Wesley José de Souza; COSER, Erik Silverio. A importância de analisar os atos antidemocráticos contra os três poderes e democracia brasileira sob a perspectiva do patriotismo constitucional. *Revista do Direito – FDCI, Cachoeiro de Itapemirim*, v. 5, n. 2, p. 360-387, jul.-dez. 2023. Disponível em: <https://repositorio.fdc.edu.br/index.php/revistadodireito/article/view/42/30>. Acesso em: 01 dez. 2024.
- CARDOSO, Carla Rodrigues. A capa de newsmagazine como dispositivo de comunicação. *Observatorio (OBS*) Journal*, v.8, p. 162-203, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/10495420/A_capa_de_newsmagazine_como_dispositivo_de_comunica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 31 nov. 2024.
- CARTA CAPITAL. Edições. c2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revistas/>. Acesso em: 27 mai. 2024.
- CARTA CAPITAL. Princípios. c2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/principios/>. Acesso em: 23 mai. 2024.
- CARTA CAPITAL. Mídia kit. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2022/10/MediaKit-2022-01-07.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2024.
- CHARAUDEAU, Patrick. Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. Tradução de Emília Mendes e Ivan Vasconcelos Figueiredo. In: MENDES, Emília (coord.) *et al.* (orgs.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 383-405.
- CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREITAS, Ernani Cesar de; BOAVENTURA, Luiz Henrique. Enunciados aderentes: a bandeira do Brasil como ethos de apoio ao bolsonarismo nas eleições de 2022. *Revista Desenredo, Passo Fundo*, v. 18, n. 3, p. 611-636, set./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/14027/114117016>. Acesso em: 23 mai. 2024.
- GERVEREAU, Laurent. *Voir, comprendre, analyser les images*. Paris: Éditions La Découverte, 2004.
- ISTOÉ. Acervo de edições. c2024. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/>. Acesso em: 27 mai. 2024.
- ISTOÉ. Mídia kit. São Paulo. 2022. Disponível em: https://editora3.com.br/pdf/midiakit_IstoE_2022_audiencia_Jan2022_bx.pdf. Acesso em: 23 mai. 2024.

ISTOÉ. Posição da Istoé. Brasil. 28 fev. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/posicao-da-istoe/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

LIMA, Kevin; CURCINO, Sara; BARBIÉRI, Felipe; CASSELA, Vinicius; VIVAS, Fernanda. 8 de janeiro: Congresso e STF fazem eventos nesta segunda para marcar 1 ano dos atos golpistas. G1. Política. Brasília, 08 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/08/8-de-janeiro-congresso-e-stf-fazem-eventos-nesta-segunda-para-marcas-1-ano-dos-atos-golpistas.ghtml>. Acesso em: 23 mai. 2024.

MENDES, André Melo; BARCELOS, Janaina Dias. Ridículo e corrupto, uma imagem recorrente. Os possíveis sentidos elaborados pelo discurso verbovisual sobre Michel Temer em capas de revistas semanais de informação brasileiras. In: MENDES, André Melo... [*et al.*]. Imagens do poder: como os presidentes do Brasil foram retratados pelos meios de comunicação nos últimos 10 anos. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020.

RICUPERO, Bernardo. O que foi o 8 de janeiro? Jornal da USP. Artigos. São Paulo, 8 jan. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-foi-o-8-de-janeiro/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

SEGALLA, Amauri. A trajetória do melhor jornalismo. Istoé. Geral. 25 nov. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/trajetoria-do-melhor-jornalismo/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

VEJA. Edições – Revista Veja. c2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja>. Acesso em: 27 mai. 2024.

VEJA. Carta ao leitor: sobre princípios e valores. 5 jul. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/carta-ao-leitor-sobre-principios-e-valores>. Acesso em: 23 mai. 2024.

VILCHES, Lorenzo. Teoría de la imagen periodística. Barcelona: Paidós Editora, 1993.

NOTAS